



**O Presente é todo o passado e todo
o futuro**

El Presente es todo el pasado y todo el future

The present is all the past and all the future

Teresa Almeida

*Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto (FBAUP) e Vicarte -
Unidade de investigação vidro e cerâmica para as artes da FCT/UNL e
FBA/UL, Porto, Portugal. talmeida@fba.up.pt*

Este título, saído da *Ode triunfal* de Álvaro de Campos, é de certa forma a síntese

desse poema futurista.

Poema magnífico, exalta o tempo feito de força e velocidade. Vertigem e alucinação, perante o deslumbre das luzes e motores, da moderna civilização industrial.

Numa orgia de sensações, o poeta sente as máquinas como algo erótico “Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma” e, numa ironia lúcida, denuncia a desumanização industrial, “Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!” ou “Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos”. O poeta unifica a temporalidade, quando diz que “O presente é todo o passado e todo o futuro” e mais diz: “Eia todo o passado dentro do presente! Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!”. Numa ânsia globalizante, afirma querer “Ser toda a gente e toda a parte” (Campos, 1914).

No poema, o poeta inova e transgride a lírica tradicional.

Essas são umas brevíssimas considerações sobre um grande poema de um Poeta Grande.

Tempo Futurista que, no entanto, é tempo de agora.

Há situações visionárias, como que se o autor já vivesse o futuro, quando ironicamente fala dos deliciosos escândalos e das gloriosas armas mortíferas, assim como da sua ligação com as máquinas, hoje o ser humano, cada vez mais biônico.

Pegando nestas considerações no sentido de as relacionar com a vertente estética dos nossos dias, registo a coragem e capacidade de rotura com o convencional.

Registo também a dimensão sensitiva, outro aspeto cada vez mais pertinente, num mundo onde impera a desumanização.

A dimensão sociológica e a inteligente ironia como diz as coisas, são exemplos da força interventiva que deve estar intrínseca na obra de arte.

Por último, registo a dimensão temporal, que incute no poema, problemática filosófica e científica, que abarca a humanidade no seu todo.

Indo para além do poema, uma obra de arte, tenha ela o tempo que tiver, quando lida, é do agora, sendo que, o agora mais não é que uma linha contínua sempre em movimento, sempre entre a fronteira do passado e do futuro. Em boa verdade, é o instante feito do pretérito que dá lugar ao futuro.

E esta é a questão que aqui se coloca e para a qual se procuram respostas...

René Huyghe refere que “uma obra de arte ainda é a mais prodigiosa tentativa do ser humano para infringir os limites em que o tempo e o espaço o definem o encerram” (Huyghe, 1960, p. 141). Artistas vários desenvolveram obras dentro da temática espaço temporal. António Lopes, artista que ao longo da realização das suas obras, vai introduzindo a passagem do tempo. As suas obras da paisagem citadina levam anos a ser terminadas, sendo concebidas meticulosamente num horário escolhido pelo artista (Aristides, 2008). Lucio Fontana é outra referência dentro desta questão e nas suas obras em que aborda o *concetti spaziali* (Gottschller, 2012). Por sua vez, Mario Reis em *Nature Watercolors* utiliza a água, não apenas como meio da pintura, mas como um processo que incorpora a temporalidade (Grande, 2014). Guiseppe Penone apresenta trabalhos da memória do tempo onde cria uma relação entre homem-tempo-natureza (Fernández-cid, 1999).

Se nas artes performativas a obra vive o presente, nas demais é o presente das suas leituras que funda o tempo num momento, feito de passado e futuro, já que o presente é a ligação do espaço temporal.

No livro *The Shape of Time*, o autor George Kubler afirma que “conhecemos o tempo apenas indiretamente através daquilo que nele acontece” (Kubler, 1962, p. 11).

A problemática temporal não é questão nova, antes constante, como o instante dito presente, situado entre o passado e futuro.

E como diz Álvaro de Campos, “O presente é todo o passado e todo o futuro”.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARISTIDES, Juliette. *Classical Painting Atelier. A Contemporary Guide to Traditional Studio Practice*. New York: Watson-Guption Publication, 2008.

CAMPOS, Álvaro de. *Ode triunfal*, 1914. Disponível em:
<http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-2459.pdf>.

GOTTSCHLLER, Pia. *Lucio Fontana. The Artist's Materials*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2012.

GRANDE, John K. *Art Nature Dialogues: Interviews with Environmental Artists*. New York: State University of New York, 2004.

FERNÁNDEZ-CID, Miguel. *Giuseppe Penone - 1968-1998*. Xunta de Galicia: Centro Galego de Arte Contemporánea, 1999.

HUYGHE, René. *A arte e a alma*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1960.

KUBLER, George. *The Shape of Time: Remarks on the History of Things*. New Haven: Yale University Press, 1962.